

CONCEIÇÃO EVARISTO

POEMAS DA RECORDAÇÃO  
E OUTROS MOVIMENTOS



**POEMAS DA RECORDAÇÃO**  
E OUTROS MOVIMENTOS

**CONCEIÇÃO EVARISTO**

**POEMAS DA RECORDAÇÃO**  
E OUTROS MOVIMENTOS

5ª EDIÇÃO



GD

Copyright © 2017 by Editora Malê  
Todos os direitos reservados.  
ISBN 978-85-92736-11-8

Capa: Pedro Sobrinho  
Foto: Claudio Pereira  
Diagramação: Márcia Jesus  
Projeto gráfico e edição: Vagner Amaro  
Revisão: Léia Coelho

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.  
Proibida a reprodução, no todo, ou em parte, através de quaisquer meios.

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)  
Vagner Amaro CRB-7/5224

E92p Evaristo, Conceição  
Poemas da recordação e outros movimentos/Conceição Evaristo. –  
Rio de Janeiro: Malê, 2017.  
ISBN 978-85-92736-11-8  
1. Poesia brasileira I. Título

CDD – B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira B869.1  
2017

Todos os direitos reservados à Malê Editora e Produtora Cultural Ltda.

[www.editoramale.com.br](http://www.editoramale.com.br)

[contato@editoramale.com.br](mailto:contato@editoramale.com.br)

# Sumário

[Anterosto](#)

[Folha de rosto](#)

[Página de direitos autorais](#)

[Sumário](#)

[Recordar é preciso](#)

[A roda dos não ausentes](#)

[Todas as manhãs](#)

[Os sonhos](#)

[Meu corpo igual](#)

[Filhos na rua](#)

[Certidão de óbito](#)

[Malungo, brother, irmão](#)

[Eu-mulher](#)

[Vozes-mulheres](#)

[A noite não adormece nos olhos das mulheres](#)

[Fêmea-fênix](#)

[Do feto que em mim brota](#)

[Amigas](#)

[Menina](#)

[Bendito o sangue de nosso ventre](#)

[Para a menina](#)

Na mulher, o tempo...

Meu rosário

Favela

Brincadeiras

Pão

Amoras

Abacateiro

A menina e a pipa-borboleta

O menino e a bola

Bus

Estrelas desérticas

Na esperança, o homem

Dias de kizomba

Os bravos e serenos herdarão a terra

Pedra, pau, espinho e grade

Poema de Natal

Creemos

Fluida lembrança

Se à noite fizer sol

Frutífera

M e M

Flor magnólia

Vergonhamento

Canção pr'amiga

De mãe  
Do fogo que em mim arde  
Meia lágrima  
Da conjuração dos versos  
Da velha à menina  
Do velho ao jovem  
Ao escrever...  
Stop  
Carolina na hora da estrela  
Clarice no quarto de despejo  
Pigmeia, Edmea e Macabéa  
Mineiridade  
Só de sol a minha casa  
No meio do caminho deslizantes águas  
A empregada e o poeta  
Inquisição

Negro estrela  
Tantas são as estrelas....  
Só o medo  
Medo do escuro  
Medo das dores do parto.  
Coisa de pertença  
Apesar das acontecências do banzo  
Da calma e do silêncio



*O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia...*

## Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças

dos meus marejados olhos transborda-me a vida,

salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente naufraga,

mas os fundos oceanos não me amedrontam

e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

## A roda dos não ausentes

O nada e o não,  
ausência alguma,  
borda em mim o empecilho.  
Há tempos treino  
o equilíbrio sobre  
esse alquebrado corpo,  
e, se inteira fui,  
cada pedaço que guardo de mim  
tem na memória o anelar  
de outros pedaços.  
E da história que me resta  
estilhaçados sons esculpem  
partes de uma música inteira.  
Traço então a nossa roda gira-gira  
em que os de ontem, os de hoje,  
e os de amanhã se reconhecem  
nos pedaços uns dos outros.  
Inteiros.

## Todas as manhãs

Todas as manhãs acoito sonhos  
e acalento entre a unha e a carne  
uma agudíssima dor.

Todas as manhãs tenho os punhos  
sangrando e dormentes  
tal é a minha lida  
cavando, cavando torrões de terra,  
até lá, onde os homens enterram  
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia  
ouço a minha voz-banzo,  
âncora dos navios de nossa memória.  
E acredito, acredito sim  
que os nossos sonhos protegidos  
pelos lençóis da noite  
ao se abrirem um a um  
no varal de um novo tempo  
escorrem as nossas lágrimas  
fertilizando toda a terra  
onde negras sementes resistem  
reamanhecendo esperanças em nós.

# Os sonhos

Os sonhos foram banhados  
nas águas das misérias  
e derreteram-se todos.

Os sonhos foram moldados  
a ferro e a fogo  
e tomaram a forma do nada.

Os sonhos foram e foram.

Mas crianças com bocas de fome,  
ávidas, ressuscitaram a vida  
brincando anzóis nas correntezas  
profundas.

E os sonhos, submersos  
e disformes  
avolumaram-se engrandecidos,  
anelando-se uns aos outros  
pulsaram como sangue-raiz  
nas veias ressecadas  
de um novo mundo.

# Meu corpo igual

*Em memória de Adão Ventura*

Na escuridão da noite  
meu corpo igual  
fere perigos  
adivinha recados  
assobios e tantãs.

Na escuridão igual  
meu corpo noite  
abre vulcânico  
a pele étnica  
que me reveste.

Na escuridão da noite  
meu corpo igual,  
boia lágrimas, oceânico,  
crivando buscas  
cravando sonhos  
aquilombando esperanças  
na escuridão da noite.

## Filhos na rua

O banzo renasce em mim.  
Do negror de meus oceanos  
a dor submerge revisitada  
esfolando-me a pele  
que se alevanta em sóis  
e luas marcantes de um  
tempo que está aqui.

O banzo renasce em mim  
e a mulher da aldeia  
pede e clama na chama negra  
que lhe queima entre as pernas  
o desejo de retomar  
de recolher para  
o seu útero-terra  
as sementes  
que o vento espalhou  
pelas ruas...

## Certidão de óbito

Os ossos de nossos antepassados  
colhem as nossas perenes lágrimas  
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,  
negras estrelas tingidas de sangue,  
elevam-se das profundezas do tempo  
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas  
e a qualquer descuido da vida  
a morte é certa.

A bala não erra o alvo, no escuro  
um corpo negro bambeia e dança.  
A certidão de óbito, os antigos sabem,  
veio lavrada desde os negreiros.

## Malungo, brother, irmão

No fundo do calumbé  
nossas mãos ainda  
espalmam cascalhos  
nem ouro nem diamante  
espalham enfeites  
em nossos seios e dedos.

Tudo se foi,  
mas a cobra  
deixa o seu rastro  
nos caminhos onde passa  
e a lesma lenta  
em seu passo-arrasto  
larga uma gosma dourada  
que brilha ao sol.

Um dia antes  
um dia avante  
a dívida acumula  
e fere o tempo tenso  
da paciência gasta  
de quem há muito espera.

Os homens constroem  
no tempo o lastro,

laços de esperanças  
que amarram e sustentam  
o mastro que passa  
da vida em vida.

No fundo do calumbé  
nossas mãos sempre e sempre  
espalmam nossas outras mãos  
moldando fortalezas esperanças,  
heranças nossas divididas com você:  
malungo, brother, irmão.

*O tempo passava e eu não deixava de vigiar minha mãe. Ela era o meu tempo. Sol, se estava alegre; lágrimas, tempo de muitas chuvas. Dúvidas, sofrimentos que dificilmente ela verbalizava, eu adivinhava pela nebulosidade de seu rosto. Mas anterior a qualquer névoa, a qualquer chuva havia sempre o sorriso, a graça, o canto da brincadeira com as meninas-filhas ou como as meninas-filhas. Foi daquele tempo meu amalgamado ao dela que me nasceu a sensação de que cada mulher comporta em si a calma e o desespero.*

# Eu-mulher

Uma gota de leite  
me escorre entre os seios.  
Uma mancha de sangue  
me enfeita entre as pernas.  
Meia palavra mordida  
me foge da boca.

Vagos desejos insinuam esperanças.  
Eu-mulher em rios vermelhos  
inauguro a vida.  
Em baixa voz  
violento os tímpanos do mundo.  
Antevejo.  
Antecipo.  
Antes-vivo

Antes – agora – o que há de vir.  
Eu fêmea-matriz.  
Eu força-motriz.  
Eu-mulher  
abrigo da semente  
moto-contínuo  
do mundo.

# Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

# A noite não adormece nos olhos das mulheres

*Em memória de Beatriz Nascimento*

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres,  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia  
a nossa memória.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres,  
há mais olhos que sono  
onde lágrimas suspensas  
virgulam o lapso  
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres,  
vaginas abertas  
retêm e expulsam a vida  
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
e outras meninas- luas  
afastam delas e de nós  
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá  
Jamais nos olhos das fêmeas,  
pois do nosso sangue-mulher

de nosso líquido lembradiço  
em cada gota que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede  
de nossa milenar resistência.

# Fêmea - fênix

*Para Léa Garcia*

Navego-me eu-mulher e não temo,  
sei da falsa maciez das águas  
e quando o receio  
me busca, não temo o medo,  
sei que posso me deslizar  
nas pedras e me sair ilesa,  
com o corpo marcado pelo olor  
da lama.

Abraso-me eu-mulher e não temo,  
sei do inebriante calor da queima  
e, quando o temor  
me visita, não temo o receio,  
sei que posso me lançar ao fogo  
e da fogueira me sair inunda,  
com o corpo ameigado pelo odor  
da chama.

Deserto-me eu-mulher e não temo,  
sei do cativante vazio da miragem,  
e quando o pavor  
em mim aloja, não temo o medo,  
sei que posso me fundir ao só,  
e em solo ressurgir inteira  
com o corpo banhado pelo suor

da faina.

Vivifico-me eu-mulher e teimo,  
na vital carícia de meu cio,  
na cálida coragem de meu corpo,  
no infindo laço da vida,  
que jaz em mim  
e renasce flor fecunda.

Vivifico-me eu-mulher.

Fêmea. Fênix. Eu fecundo.

## Do feto que em mim brota

Do meu corpo  
o feto ossificado  
há de brotar um dia.  
Ele apenas se escondeu  
nos vãos de minhas  
sofridas entranhas,  
enquanto eu de soslaio  
assunto a brutalidade  
do tempo.

Do meu olhar  
a flor petrificada  
em meu íntimo solo  
contempla a distração de muitos  
e balbucia uma estranha fala,  
mas eu sei qualquer dizer,  
pois quem convive  
com os forçados à morte decifra todos os sinais  
e sabe quando o silêncio,  
julgado eterno,  
está para ser rompido.

# Amigas

Trago na palma das mãos,  
não somente a alma,  
mas um rubro calo,  
viva cicatriz, do árduo  
refazer de mim.

Trago na palma das mãos  
a pedra retirada  
do meio do caminho.

E quando o meu pulso dobra  
sob o peso da rocha  
e os meus dedos murcham  
feito a flor macerada  
pelos distraídos pés  
dos caminhantes,  
eu já não grito mais.  
Finjo a não dor.

Tenho a calma de uma velha mulher  
recolhendo seus restantes pedaços.  
E com o cuspo grosso de sua saliva,  
uma mistura agridoce,  
a deusa artesã cola, recola,  
lima e nina o seu corpo mil partido.

E se refaz inteira por entre a áspera  
Intempérie dos dias.

# Menina

*Para Ainá, minha filha, ou minha mãe, talvez.*

Menina, eu queria te compor em versos,  
cantar os desconcertantes mistérios  
que brincam em ti,  
mas teus contornos me escapolem.  
Menina, meu poema primeiro,  
cuida de mim.

# Bendito o sangue de nosso ventre

*Para Ainá, aos 19 anos, pela sua menstruação primeira*

Minha menina amanheceu hoje  
mulher – velha guardiã do tempo.  
De mim ela herdou o rubi,  
rubra semente, que a  
primeira mulher nos ofertou.  
De sua negra e pequena flor  
um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.  
Dali pode brotar um corpo,  
milagre de uma manhã qualquer.

Ela jamais há de parir entre dores,  
velhas mulheres vermelhecem  
maravilhas há séculos  
e no corpo das mais jovens  
as sábias anciãs desenham  
avermelhados símbolos,  
femininos unguentos,  
contrassinais a uma antiga escritura.

E ela jamais há de parir entre dores,  
há entre nós femininas deusas,  
juntas contemplamos o cálice  
de nosso sangue e bendizemos  
o nosso corpo-mulher.  
E ali, no altar do humano-sagrado rito  
concebemos a vital urdidura

de uma nova escrita  
tecida em nossas entranhas,  
lugar-texto original.

E em todas as manhãs bendizemos  
o nosso sangue, vida-vazante no tempo.  
E nossas vozes, guardiãs do templo,  
entoam salmos e ladainhas  
louvando a humana teia  
guardada em nossas veias.

E desde todo o sempre  
matriciais vozes celebram  
nossas vaginas vertentes  
veredas de onde escorre  
a nossa nova velha seiva.  
E eternas legiões femininas  
glorificam, plenificadas de gozo,  
o bendito sangue de nosso ventre,  
por todos os séculos. Todos.  
Amém.

# Para a menina

*Para todas as meninas e meninos de cabelos trançados ou sem tranças.*

Desmancho as tranças da menina  
e os meus dedos tremem  
medos nos caminhos  
repartidos de seus cabelos.

Lavo o corpo da menina  
e as minhas mãos tropeçam  
dores nas marcas-lembranças  
de um chicote traiçoeiro.

Visto a menina  
e aos meus olhos  
a cor de sua veste  
insiste e se confunde  
com o sangue que escorre  
do corpo-solo de um povo.

Sonho os dias da menina  
e a vida surge grata  
descruzando as tranças  
e a veste surge farta  
justa e definida  
e o sangue se estanca  
passeando tranquilo  
na veia de novos caminhos,

esperança.

## Na mulher, o tempo...

A mulher mirou-se no espelho do tempo,  
mil rugas (só as visíveis) sorriram,  
perpendiculares às linhas  
das dores.

Amadurecidos sulcos  
atravessavam o opaco  
e o fulgor de seus olhos  
em que a íris, entre  
o temor e a coragem,  
se expunha  
ao incerto vaivém  
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:

- dos pingos lágrimas  
à plenitude da vazante.  
E no fluxo e refluxo de seu eu  
viu o tempo se render.  
Viu os dias gastos  
em momentos renovados  
d'esperança nascitura.  
Viu seu ventre eterno grávido,  
salpicado de mil estrias,  
(só as contáveis estrelas)  
em revitalizado brilho.

E viu que nos infindos filetes de sua pele  
desenhos-louvares nasciam  
do tempo de todas as eras  
em que a voz-mulher  
na rouquidão de seu silêncio  
de tanto gritar acordou o tempo  
no tempo.

E só,  
só ela, a mulher,  
alisou as rugas dos dias  
e sábia adivinhou:  
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,  
ele se guardou de uma mulher  
a outra...

E só,  
não mais só,  
recolheu o só  
da outra, da outra, da outra...  
fazendo solidificar uma rede  
de infinitas jovens linhas  
cosidas por mãos ancestrais  
e rejubilou-se com o tempo  
guardado no templo  
de seu eternizado corpo.

*O povo em procissão, carregado de fé, calmo, em frente seguia mirando o andor do sagrado. O respingo da vela chorando, parafina derretida na pele da minha mão, ameaçava queimar minha fé-criança. Eu seguia. Desde então, aprendi que a queimação da pele é dor somente para quem tem uma rasa crença. Não posso abandonar o cortejo. O santo parece, às vezes, não ter pressa. Creio que ele gosta de ser acarinhado pela dor do povo e vai adiando o milagre. Entretanto, sou fiel. Até hoje espero e acredito no milagre da graça. Sigo o séquito. Ora vou murmurando, ora gritando e em segredo até blasfemando. Ao santo digo: ele que nos carregue e que nos ampare. E que, sem mais tardar, se ponha a ouvir e a atender as nossas necessitadas preces.*

## Meu rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.  
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum  
e falo padres-nossos, ave-marias.  
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo  
e encontro na memória mal adormecida  
as rezas dos meses de maio de minha infância.  
As coroações da Senhora, em que as meninas negras,  
apesar do desejo de coroar a Rainha,  
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar lançando flores.  
As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,  
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas  
nas escolas, nas ruas, no mundo.  
As contas do meu rosário são contas vivas.  
(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,  
eu diria, porém que há vidas-blasfemas).  
Nas contas de meu rosário eu teço intumescidos  
sonhos de esperanças.  
Nas contas de meu rosário eu vejo rostos escondidos  
por visíveis e invisíveis grades  
e embalo a dor da luta perdida nas contas de meu rosário.  
Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.  
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome  
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.  
Quando debulho as contas de meu rosário,  
eu falo de mim mesma um outro nome...

E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,  
vidas que pouco a pouco descubro reais.

Vou e volto por entre as contas de meu rosário,  
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.

E neste andar de contas-pedras,  
o meu rosário se transmuta em tinta,  
me guia o dedo,  
me insinua a poesia.

E depois de macerar conta por conto do meu rosário,  
me acho aqui, eu mesma,  
e descubro que ainda me chamo Maria.

# Favela

Barracos  
montam sentinela  
na noite.

Balas de sangue  
derretem corpos  
no ar.

Becos bêbados  
sinuosos labirínticos  
velam o tempo escasso  
de viver.

# Brincadeiras

O pião entrou na roda  
e tombou  
sozinho sem par  
pôs ali o pezinho  
preso como escravo de caxangá  
olhou pra si  
olhou pro chão  
morto-vivo  
cabra-cega  
serra, serra  
serra  
a dor  
sua vida  
já serrou  
já serrou  
já zerou...

# Pão

Debaixo da língua  
a migalha de pão  
brinca à fome.

## Amoras

Em nossos lábios pretos brincava  
o tempo da boca roxa.  
Os dias passavam em demora, lentos,  
as horas tilintavam no fundo das panelas.  
O cozimento da escassa comida tinha  
a delonga de um fausto e falso repasto,  
banquete de fartura sempre adiada.  
Eram as amoras o nosso antepasto,  
a salivar de roxo o perene jejum forçado  
de uma eterna quaresma à espera  
de uma páscoa, em que a passagem  
era da fome para a fome.

# Abacateiro

As casinhas fugiam, a árvore frondosa afrontava  
com seus frutos os telhados de magras telhas.

As crianças magricelavam mais, todos os dias  
ao escalar o verde infinito de estrelas-frutas,  
do céu-copa da árvore, lugar-refeitório.

O fruto mesmo verde era sacrificado.

Cegas facas no ritual do corte  
partiam o hemisfério em dois.

O coração do fruto despencava  
das mãos dos meninos, céu abaixo.

Até que um dia, até que um dia...

unzinho deles, um bem verdinho,

bem fraquinho, quase nada,

o Gideão, céu abaixo, céu abaixo...

Não a casca, não o coração do fruto,

um menino, unzinho menino,

verde- abacate-vermelho-verde

tingindo o chão.

## A menina e a pipa- borboleta

A menina da pipa  
ganha a bola da vez  
e quando a sua íntima  
pele, macia seda, brincava  
no céu descoberto da rua,  
um barbante áspero,  
 másculo cerol, cruel  
rompeu a tênue linha  
da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel, seda esgarçada,  
da menina estilhaçou-se  
entre as pedras da calçada,  
a menina rolou  
entre a dor e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,  
a menina expulsou de si  
uma boneca ensanguentada  
que afundou num banheiro  
público qualquer.

## O menino e a bola

A bola da vez  
dança na rua  
atrás dela ninguém.  
O automóvel range  
a sua raiva, o homem  
também.

O corpo-menino  
sacode a morte.  
Inútil.  
A letargia dorme  
no asfalto.

# Bus

Corpos-tijolos  
alojados uns sobre  
os outros  
Resvalam-se despedaçados  
e ferinos  
deflorando o espaço.  
Corpos-vidros  
trincados e ameaçadores  
deslocam-se no ínfimo espaço.  
Anônimos sorrisos  
traçam um ríctus coletivo no ar,  
enquanto a máquina  
alisa o asfalto  
vazando os túneis  
e suas rodas executam  
desencontrados acordes  
do sobe  
e desce  
de peregrinas pernas  
rumo ao megadeserto.

## Estrelas desérticas

Na aridez das ruas, estrelas escondidas  
brotam insolentes do escaldante asfalto  
ordenando a desordem final dos dias.  
E no entre-meio do sinal da férrea cruz,  
uma genuflexão malfeita acelera  
a rapidez do cálice derramado.  
Tudo sangra.

E, enquanto tudo sangra,  
ensinam-se batuques aos meninos,  
complexos estampidos, funestos sons,  
que eles já sabem desde antes.

E depois, quase felizes,  
os grandes cantam as suas vitórias:  
— enquanto dançam esses meninos,  
estrelas desérticas, enquanto dançam,  
seus pés pisoteiam a terra anil da alegria.  
E todos os cadáveres do passado  
e ainda os do presente  
entram em festa esquecidos.  
E do futuro deles, estrelas desérticas,  
cuidamos nós:  
tragam mais bumbos, mais bumbos, mais tumbas...

Enquanto isso  
na catacumba o sol do amanhã sangra.

# Na esperança, o homem

Da cabeceira do rio, as águas viajantes  
não desistem do percurso.

Sonham.

A seca explode no leito vazio  
e a pele enrugada da terra seca e  
sonha.

O barco espera.

O sábio contemplativo aguarda.

O homem, ao peso de qualquer lenho,

Não se curva.

Sonha.

Sonha e faz

com o suor de seu rosto,

com a água de seus olhos,

com a fluidez de sua alma,

cospe e cospe no solo

amolecendo a pedra bruta.

Faz e sonha.

E no outro dia, no amanhã de muitos

outros dias, a vida ressurgue fértil,  
úmida,  
alimentada pelo seu hálito.

E que venham todas as secas,  
o homem esperançoso  
há de vencer.

## Dias de kizomba

Ab(dias) de lutas e não dias de luto.  
Um homem como Abdias,  
estrela incandescente,  
não morre.

A sua luz  
cor negra zagaia  
feriu a branca consciência  
de uma democracia racial  
nula e vil.

Um homem como Abdias,  
estrela Nascimento,  
Zumbi eternizado,  
não morre.

A sua luta  
Ziguezagueia  
d'África à diáspora  
espalhando sementes baobás  
em cada uma/um de nós.

## Os bravos e serenos herdarão a terra

O cotidiano plenifica-me  
de dor, abandono e busca.  
O grão de arroz, que soçobra  
na pia, me emociona  
nasalizando-me a voz  
e brilha como um diamante  
preso nos campos vazios  
onde a fome brinca  
escovando os dentes dos famintos  
com uma pasta dentifrícia  
feita de saliva seca  
que sabe a fome.

No cotidiano busco a plêiade  
tenaz da esperança  
e plenificada de crença e gozo  
encontro outras laboriosas mãos  
revolvendo a terra  
e retomando as sementes  
dos falsos donos da gleba.  
Do cotidiano só rimos.  
Sorrisos o nosso sapiente riso  
com os nossos dentes  
abrilhantados de fome e força,  
porque aqueles que todos pensavam mansos,

bravios se tornaram  
e então, seremos nós,  
bravos e serenos,  
que herdaremos a terra.

## Pedra, pau, espinho e grade

“No meio do caminho tinha uma pedra”,  
mas a ousada esperança  
de quem marcha cordilheiras  
triturando todas as pedras  
da primeira à derradeira  
de quem banha a vida toda  
no unguento da coragem  
e da luta cotidiana  
faz do sumo beberagem  
topa a pedra-pesadelo  
é ali que faz parada  
para o salto e não o recuo  
não estanca os seus sonhos  
lá no fundo da memória,  
pedra, pau, espinho e grade  
são da vida desafio.  
E se cai, nunca se perdem  
os seus sonhos esparramados  
adubam a vida, multiplicam  
são motivos de viagem.

# Poema de Natal

O frio assola  
os meninos no Natal  
nas grutas, nas vielas,  
nos condomínios...

O frio no Natal assola  
a vida de muitos.  
Na solidão do vazio prato,  
o esbanjar da ceia  
cerceia o paladar  
de quem, apenas em sonho,  
molha a farinha seca,  
no vinho tinto e extinto  
pelo derramamento  
do cálice do outro.

O frio no Natal  
não tem nascedouro  
em dezembro.  
Há longas datas  
o frio assola  
a boca vazia  
do ano inteiro.

Em dezembro, porém,

uma lembrança erupciona  
a pele de todos.  
O frio do outro Menino, o frio do outro...

E então, no afã de exterminar  
o nosso frio, fabricamos  
o calor de um só dia, esquecidos  
de que como os deuses  
também podemos milagrar a vida.

Basta tomar  
o fogo-brilho da estrela  
e com a chama do divino-humano,  
que em nós habita,  
maravilhar o mundo com  
a estrela-guia da justiça.

# Creemos

*Ao poeta Nei Lopes, pelo poema "História para ninar Cassul-Buanga".*

Creemos.

Quando as muralhas  
desfizerem-se  
com a mesma leveza  
de nuvens-algodoais,  
os nossos mais velhos  
vindos do fundo  
dos tempos  
sorrirão em paz.

Creemos.

O anunciado milagre  
estará acontecendo.  
E na escritura grafada  
da pré-anúnciação,  
de um novo tempo,  
novos parágrafos  
se abrirão.

Creemos.

Na autoria  
desta nova história.  
E neste novo registro  
a milenária letra  
se fundirá à nova

grafia dos mais jovens.

*Apelidaram-me um dia de Ave-serena. Fui então observar a serenidade das aves. Observei noites e dias. E apreendi que, se a serenidade for a condição prima da ave, a ela, mesmo em momentos de profunda tormenta, caberá reaprumar o corpo, avaliar a condição de voo e de pouso, e seguir adiante. Se for dela a serenidade, mesmo quando em breves, raros, mas mortais instantes, suas penas, aquelas que recobrem o peito – exatamente na área do coração – se eriçarem diante à desventura de um espaço que ela não domina, e desconhece, caberá à ave esgotar a sua própria tormenta e se reerguer depois. À ave serena não é permitido cultivar o engano, ela sabe que o amor – dom maior da serenidade e do desespero – se realiza ou se anula por um triz.*

## Fluida lembrança

No líquido do copo  
entorno a sua fluida  
lembrança.

Bebo aos goles  
o seu doce caldo  
armazenado e curtido  
em minha memória  
e, quando depois  
me erro nos passos,  
inebriada dos meus enganos  
toco o vazio de sua ausência  
percebendo, então,  
que você me escorre dos sonhos  
tal qual a baba indomável  
que da boca do bêbado sonolento  
escapa.

## Se à noite fizer sol

Se à noite fizer sol,  
quebrarei minha casca-caramujo-corpo  
e farei de meus poros crateras  
para que os noturnos raios  
atravessem de ponta a ponta  
a porta mal guardada de meus desejos  
onde na solitude brinco prazeres urdidos  
na imaginária maciez de teus dedos.

Se à noite fizer sol,  
ainda que temerosa e soturna  
hei de me abrir toda-toda  
mais milagrosa que a noturna aurora  
só para guardar em mim a tua flor  
no momento exato em que a natureza  
expele o sêmen, o pólen, o mel.

Se à noite fizer sol,  
vou me lançar na finitude  
do momento adentro  
e me esconder de mim  
e me esconder de ti  
só para concentrar na lembrança  
o teu corpo, templo novo,  
pois morrerei após o sol se pôr.

# Frutífera

- Da solidão do fruto -  
De meu corpo ofereço  
as minhas frutescências,  
casca, polpa, semente  
E vazada de mim mesma  
com desmesurada gula  
apalpo-me em oferta  
a fruta que sou.

Mastigo-me  
e encontro o coração  
de meu próprio fruto,  
caroço aliciado,  
a entupir os vazios  
de meus entrededos

- Da partilha do fruto -  
De meu corpo ofereço  
as minhas frutescências,  
e ao leve desejo-roçar  
de quem me acolhe,  
entrego-me aos suados,  
suaves e úmidos gestos  
de indistintas mãos  
e de indistintos punhos,

pois na maturação da fruta,  
em sua casca quase-quase  
rompida,  
boca proibida não há.

## M e M

Nos olhos o fogo e o afago  
denunciam desejos,  
labaredas cozinham  
pacientemente a espera.

A mulher ficou-se  
e na quietude  
encontrou a sua nova veste  
que suavemente se desfaz  
em corpos iguais  
que se roçam.

Maria e Maria,  
espelho único,  
onde a outra face  
é ela e ela.

# Flor Magnólia

De magnólias ou outras flores  
desfolhando em minhas mãos,  
pouco sei,  
só em desejos, guardo a fina textura  
da pele em dalias, rosas, magnólias...  
só em desejos, sei da primavera  
que em mim roça,  
quando uma flor magnólia,  
tal qual a lendária rosa negra,  
promete se abrir única  
sobre mim.

# Vergonhamento

Um vergonhamento  
a me calar o peito,  
a me cerrar a voz,  
a me ferir a vista,  
a me bulir o corpo,  
enquanto o escondido  
de mim em mim,  
em assanhamento,  
goza uma nua imagem,  
- a sua -  
em acasalamentos  
sobre mim.

## Canção pr'amiga

Venha, minha dona, não tarde mais,  
venha, minha diva, minha dádiva,  
venha, minha perpetua flor,  
e ouça meus soluçados ais...

Venha, minha dona, não tarde mais,  
venha, minha senhora, minha deusa,  
e me tome sem demora,  
que o amor é como ondas,  
faz, refaz., desfaz...

Venha, minha dona, não tarde mais,  
venha, minha amiga, minha seiva,  
e me receba como um ganho,  
a oferenda do amor é joia rara,  
não resiste à espera, à tardança,  
volátil fragrância, de breve apanho

Venha, minha dona, não tarde mais,  
venha, flor gêmea da minh'alma,  
venha cumprir a nossa doce sina,  
venha sem mais demora, venha,  
antes que a bonança nos escape  
e a tormenta dos tristes dias  
nos abrace.

*Quando a luz da lamparina era apagada, a escuridão do pequeno cômodo, em que dormíamos com mamãe, me doía. Ao apagar das luzes, minhas irmãs logo-logo adormeciam, confortadas com as lembranças de nossas falantes brincadeiras, em que, muitas vezes, a mãe era a protagonista. Aí, sim, a noite e seus mistérios se abatiam sobre mim. E tudo parecia vazio a pedir algum gesto de preenchimento. Escutava ainda os passos de minha mãe se afastando. Instantes depois, podia colher pedaços da voz dela, colados a outros de minhas tias e de vizinhas mais próximas. Apurava os sentidos, mas o teor profundo das conversas me fugia, diluindo-se no escuro. Então eu inventava dizeres para completar e assim me intrometer nas falas distantes delas. Todas as noites, esse era o meu jogo de escrever no escuro.*

## De mãe

O cuidado de minha poesia  
aprendi foi de mãe,  
mulher de pôr reparo nas coisas,  
e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala  
na violência de meus ditos  
ganhei de mãe, mulher prenhe de dizeres,  
fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro,  
veio dela todo o meu ganho  
mulher sapiência, yabá,  
do fogo tirava água  
do pranto criava consolo.

Foi de mãe esse meio riso  
dado para esconder  
alegria inteira  
e essa fé desconfiada,  
pois, quando se anda descalço,  
cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegou

para os cantos milagreiros da vida  
apontando-me o fogo disfarçado  
em cinzas e a agulha do  
tempo movendo no palheiro.

Foi mãe que me fez sentir as flores  
amassadas debaixo das pedras;  
os corpos vazios rente às calçadas  
e me ensinou, insisto, foi ela,  
a fazer da palavra artifício  
arte e ofício do meu canto,  
da minha fala.

## Do fogo que em mim arde

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
não aquele que te apraz.  
Ele queima, sim,  
é chama voraz  
que derrete o bico de teu pincel  
incendiando até às cinzas  
o desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
aquele que me faz,  
e que molda a dura pena  
de minha escrita.  
É este o fogo,  
o meu, o que me arde  
e cunha a minha face  
na letra desenho  
do autorretrato meu.

# Meia lágrima

Não,  
a água não me escorre  
entre os dedos,  
tenho as mãos em concha  
e no côncavo de minhas palmas  
meia gota me basta.

Das lágrimas em meus olhos secos,  
basta o meio tom do soluço  
para dizer o pranto inteiro.

Sei ainda ver com um só olho,  
enquanto o outro,  
o cisco cerceia  
e da visão que me resta  
vazo o invisível  
e vejo as inesquecíveis sombras  
dos que já se foram.

Da língua cortada,  
digo tudo,  
amasso o silêncio  
e no farfalhar do meio som  
solto o grito do grito do grito  
e encontro a fala anterior,

aquela que, emudecida,  
conservou a voz e os sentidos  
nos labirintos da lembrança

## Da conjuração dos versos

- nossos poemas conjuram e gritam -

O silêncio mordido  
rebela e revela  
nossos ais  
e são tantos os gritos  
que a alva cidade,  
de seu imerecido sono,  
desperta em pesadelos.

E pedimos  
que as balas perdidas  
percam o nosso rumo  
e não façam do corpo nosso,  
os nossos filhos, o alvo.

O silêncio mordido,  
antes o pão triturado  
de nossos desejos,  
avoluma, avoluma  
e a massa ganha por inteiro  
o espaço antes comedido  
pela ordem.

E não há mais

quem morda a nossa língua  
o nosso verbo solto  
conjugou antes  
o tempo de todas as dores.

E o silêncio escapou  
ferindo a ordenança  
e hoje o anverso  
da mudez é a nudez  
do nosso gritante verso  
que se quer livre.

# Da velha à menina

*Tia Lia, em memória.*

Houve um tempo  
em que a velha  
bordava nos meus dias  
os pontos mistérios  
do meu viver.

E eram tantos os pontos  
das cruzadas linhas  
sombreados, encadeados,  
pontos cheios e vazios  
atrás, adiante, adiante.

Houve um tempo  
em que a velha  
temperando os meus dias  
misturava o real e os sonhos  
inventando alquimias.

E eram tantos os paladares  
do mel ao amargo  
e seu entremeio  
do ácido ao favo  
e seu entregosto  
do escaldante ao frio  
e seu entrelaço.

Houve um tempo  
em que a velha me buscava  
e eu menina, com os olhos  
que ela me emprestava,  
via por inteiro o coração da vida.

Houve um tempo em que eu velha  
houve um tempo em que eu menina...

## Do velho ao jovem

Na face do velho  
as rugas são letras,  
palavras escritas na carne,  
abecedário do viver.

Na face do jovem  
o frescor da pele,  
e o brilho dos olhos  
são dúvidas.

Nas mãos entrelaçadas  
de ambos, o velho tempo  
funde-se ao novo,  
e as falas silenciadas  
explodem.

O que os livros escondem,  
as palavras ditas libertam.  
E não há quem ponha  
um ponto final na história

Infinitas são as personagens:  
Vovó Kalinda, Tia Mambene,  
Primo Sendó, Ya Tapuli,

Menina Meká, Menino Kambi,  
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,  
Piter do Estácio, Cris de Acari,  
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,  
E também de Santana e de Belô  
e mais e mais, outras e outros...

Nos olhos do jovem  
também o brilho de muitas histórias.  
E não há quem ponha  
um ponto final no rap

é preciso eternizar as palavras  
da liberdade ainda e agora.

## Ao escrever...

Ao escrever a fome  
com as palmas das mãos vazias  
quando o buraco-estômago  
expele famélicos desejos  
há neste demente movimento  
o sonho-esperança  
de alguma migalha alimento.

Ao escrever o frio  
com a ponta de meus ossos  
e tendo no corpo o tremor  
da dor e do desabrigo,  
há neste tenso movimento  
o calor-esperança  
de alguma mísera veste.

Ao escrever a dor,  
sozinha,  
buscando a ressonância  
do outro em mim  
há neste constante movimento  
a ilusão-esperança  
da dupla sonância nossa.

Ao escrever a vida  
no tubo de ensaio da partida  
esmaecida nadando,  
há neste inútil movimento  
a enganosa-esperança  
de laçar o tempo  
e afagar o eterno.

# Stop

A vida passeia marginal  
nos caminhos  
podados da mente.  
Dos olhos injetados do poeta  
brilha o lusco-fusco  
da palavra ferida.  
E a big-pena  
rabisca sinais luminosos:  
STOP!

## Carolina na hora da estrela

No meio da noite  
Carolina corta a hora da estrela.  
Nos laços de sua família um nó  
– a fome.  
José Carlos masca chicletes.  
No aniversário, Vera Eunice desiste  
do par de sapatos,  
quer um par de óculos escuros.  
João José na via-crucis do corpo,  
um sopro de vida no instante-quase  
a extinguir seus jovens dias.  
E lá se vai Carolina  
com os olhos fundos,  
macabeando todas as dores do mundo...  
Na hora da estrela, Clarice nem sabe  
que uma mulher cata letras e escreve:  
“ De dia tenho sono e de noite poesia”

## Clarice no quarto de despejo

No meio do dia  
Clarice entreabre o quarto de despejo  
pela fresta percebe uma mulher.  
Onde estivestes de noite, Carolina?  
Macabeando minhas agonias, Clarice.  
Um amargor pra além da fome e do frio,  
da bica e da boca em sua secura.  
De mim, escrevo não só a penúria do pão,  
cravo no lixo da vida, o desespero,  
uma gastura de não caber no peito,  
e nem no papel.  
Mas ninguém me lê, Clarice,  
para além do resto.  
Ninguém decifra em mim  
a única escassez da qual não padeço,  
– a solidão.

E ajustando o seu par de luvas claríssimas  
Clarice futuca um imaginário lixo  
e pensa para Carolina:  
“a casa poderia ser ao menos de alvenaria”  
E anseia ser Bitita inventando um diário.  
Páginas de jejum e de saciedade sobejam.  
A fome nem em pedaços  
alimenta a escrita clariceana.

Clarice no quarto de despejo  
lê a outra, lê Carolina,  
a que na cópia das palavras,  
faz de si a própria inventiva.  
Clarice lê:  
“despejo e desejos”.

## Pigmeia, Edmea e Macabéa

Se Raimundo  
rimando com mundo  
não é a solução,  
Pigmeia, Edmea e Macabéa,  
nomes mulheres, versejam  
entre si fêmeas rimas  
na vastidão do mundo.

A menor do mundo – Pigmeia – encravada no  
fundo de uma África.

(Continente que propositalmente  
alguns afirmam não ter solução.)

Edmea – Uma bala cravada na vida –  
morte na denúncia da morte dos seus.

(Mães de Acari, corpos continentes  
agredidos, filhos desaparecidos.)

E você, Macabéa, Pigmeia, Edmea?

Ser feliz para quê?

Ser feliz como, Macabéa?

Pigmeia, Edmea e Macabéa,  
rimas pobres,  
pigmeias áfricas,  
negras edmeas,  
nordestinas macabeas.

Rimas mulheres  
desafiando o macho cancionista  
organizador dos sons disrítmicos  
do mundo.

# Mineiridade

Quando chego de Minas  
trago sempre na boca um gosto de terra.  
Chego aqui com o coração fechado,  
Um trem esquisito no peito.  
Meus olhos chegam divagando saudades,  
meus pensamentos cheios de uais  
e esta cidade aqui me machuca  
me deixa maciça, cimento  
e sem jeito.  
Chegando de Minas,  
trago sempre nos bolsos  
queijos, quiabos babentos  
da calma mineira.  
É duro, é triste  
Ficar aqui  
com tanta mineiridade no peito.

# Só de sol a minha casa

*A Adélia Prado, com licença, que também sou mineira.*

Durante muito tempo,  
também tive um sol  
a inundar a nossa casa inteira,  
tal a pequenez do cômodo.

Pelas fendas do machucado zinco,  
folhas escaldantes de nosso teto,  
invasivos raios confrontavam  
pontos de mil quenturas,  
onde jorrantes jatos de fogo  
abrasavam o vazio  
de um estorricado chão.

Em dias de maior ardência,  
minha mãe alquebrava  
seu milenar e profundo cansaço  
no recorte disforme de um buraco  
– janela sem janela –  
acontecido no centro de uma frágil parede.  
(rota de fuga de uma presa a inventar  
extensão de um prado)

Eu não sei por quê, ela olhava o tempo  
e nos chamava para perscrutar  
em que lugar morava a esperança.

Olhávamos.

Salvou-nos a obediência.

# No meio do caminho: deslizantes águas

*Ao Drumond, com licença, pois sei das pedras e também das águas das Gerais.*

Da advertência de Carlos  
faço moucos meus ouvidos  
e sigo com lágrimas-águas  
contornando a tamanha  
extensão da pedra.  
E tantas são as deslizantes águas  
E são tantas as águas deslizantes  
E deslizantes são as tantas águas  
E águas, as deslizantes, são tantas  
que nas bordas da áspera rocha,  
encontro um escorregadio  
limo-caminho. Tenho passagem.  
Sigo a Senhora das Águas Serenas,  
a Senhora dos Prantos Profundos.  
Sigo os passos, passo a passo  
e fundo outro caminho.

Sigo os passos.  
Passo a passo.  
Sigo e passo.  
As águas passam,  
e as pedras ficam...

## A empregada e o poeta

Na suspeição de que a empregada envenenaria o poeta  
anteciparam as dores dos livros.

Folhas mortas despencariam dos troncos,  
lombadas folheadas em ouro,  
tesouro do poeta,  
que a mesma serviçal  
eficiente e justa cuidava em sua obra.

A empregada envenenaria o poeta,  
um mofo podre avolumaria  
de cada letra morta.

E a biblioteca manuseada  
pela mente assassina  
esperaria uma nova edição  
de um debochado cordel,  
que cantaria a história do poeta  
e do bife envenenado,  
trazendo o verso final:

“ o peixe morre é pela boca.”

Todos suspeitariam,  
condolências antecipadas  
surgiriam em prosa e verso.  
Entretanto suspeição alguma  
ouviu e leu a história da empregada.  
Ela jamais assassinaria o poeta.

Quando o bife passou  
quase amargo e cru,  
foi porque o tempo logrou  
as tarefas de Raimunda.  
O não e o malfeito da empregada  
eram gastos às escondidas em leituras  
do tesouro que não lhe pertencia.  
No entanto ela sabia, mesmo antes do poeta,  
que rima era só rima.  
E em meio às lacrimejantes cebolas  
misturadas às dores apimentadas  
nos olhos do mundo,  
Raimunda entre vassouras, rodos,  
panelas e pó desinventava de si  
as dores inventadas pelo poeta.

# Inquisição

*Ao poeta que nos nega*

Enquanto a inquisição  
interroga  
a minha existência,  
e nega o negrume  
do meu corpo-letra,  
na semântica  
da minha escrita,  
prossigo.

Assunto não mais  
o assunto  
dessas vagas e dissentidas  
falas.

Prossigo e persigo  
outras falas,  
aquelas ainda úmidas,  
vozes afogadas,  
da viagem negreira.

E, apesar  
de minha fala hoje  
desnudar-se no cálido  
e esperançoso sol  
de terras brasis, onde nasci,

o gesto de meu corpo-escrita  
levanta em suas lembranças  
esmaecidas imagens  
de um útero primeiro.

Por isso prossigo.  
persigo acalentando  
nessa escrevivência  
não a efígie de brancos brasões,  
sim o secular senso de invisíveis  
e negros queloides, selo originário,  
de um perdido  
e sempre reinventado clã.

*Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. E, apesar das acontecências do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe... Sonhamos para além das cercas. O nosso campo para semear é vasto e ninguém, além de nós próprios, sabe que também inventamos a nossa Terra Prometida. É lá que realizamos a nossa sementeira. Em nossos acidentados campos – sabemos pisar sobre as planícies e sobre as colinas – a cada instante os nossos antepassados nos vigiam e com eles aprendemos a atravessar os caminhos das pedras e das flores. É deles também o ensinamento de que as motivações das flores são muitas. Elas cabem no quarto da parturiente, assim como podem ser oferendas para quem cumpriu a derradeira viagem...*

# Negro-estrela

*Em memória de Osvaldo, doce companheiro meu, pelo tempo que a vida nos permitiu.*

O banzo renasce em mim.  
Do negror de meus oceanos  
a dor submerge revisitada  
esfolando-me a pele  
que se alevanta em sóis  
e luas marcantes de um  
tempo que está aqui.

O banzo renasce em mim  
e a mulher da aldeia  
pede e clama na chama negra  
que lhe queima entre as pernas  
o desejo de retomar  
de recolher para  
o seu útero-terra  
as sementes  
que o vento espalhou  
pelas ruas...

## Tantas são as estrelas

*Em Memória da Velha Lia, minha Tia, que se fez minha mãe, e mãe de muitos, concebendo todos nós no canto placentário de seu coração maio. Em Memória de Rosângela, amiga, companheira minha, Rosa que no sábado de um carnaval passado, vestiu a sua roupa de estrela e lá se foi...*

Não, eu me nego a acreditar que uma estrela se apague.  
São meus olhos caolhos, caóticos, carcomidos  
pela crua e nua certeza de uma realidade visível  
que me invadem as órbitas causando-me a ilusão  
de que só vejo o que é vivo.

Não, eu me nego a acreditar que uma voz só é audível  
se a boca mexer um som dizível que se propaga  
até a invasão de meus viciados ouvidos.

Não, eu me nego a acreditar que um corpo tombe vazio  
e se desfaça no espaço feito poeira ou fumaça  
adentrando no nada dos nada  
nadificando-se.

Por isso, na solidão desse banzo antigo,  
rememorador de todos os que de mim já se foram,  
que eu desenho a sua luz-mulher  
e as pontas de sua estrela enfeitam os dias  
que ainda me aguardam  
e cruzam com as pontas  
das pontas de outras estrelas habitantes  
da constelação de minhas saudades.

# Só o medo

Só temos o medo  
só o medo  
o medo de sermos corajosos.  
De sermos medrosos  
também o medo.

## Medo do escuro

No meio da calçada um vulto  
escuro no escuro.

A mocinha no meio do caminho  
trêmula de pavor, gritos em desejos  
sufocam-lhe a garganta.

Mãos assassinas apertam-lhe a glote.  
SOCORRO, grita calada.

O vulto escuro no escuro  
se aproxima. Arma em riste.

Abruptamente cola  
o seu corpo ao da mocinha.

A arma em riste continua.

Um pedaço de pau,  
em desconexos giros,  
movimenta no espaço.

No meio do corpo da mocinha  
um vulto escuro no escuro,  
como se buscasse aconchego,  
pede desculpas pelo encontrão  
e implora quase em sussurro  
uma ajuda para atravessar a rua.

Um homem cego  
entre um copo e outro  
se distanciou de seus amigos  
e de sua bengala.

## Medo das dores do parto

Quando a enfermeira,  
uma bela mulher, entrou  
no quarto da parturiente,  
sua imagem era de tanto fulgor,  
que parecia ser ela a mulher  
que havia parido e abrilhantado  
o mundo.

A recém-parida, se contorcendo  
em dores, lastimou a barriga vazia,  
desejando uma eterna prenhez.  
Era chegada a hora de ofertar  
o rebento ao pai.

E quando a bela enfermeira  
depositou sobre o colo da mãe,  
o seu filho em pedaços,  
mutilado dos pés  
e dos membros do abraço,  
o pai, por um ínfimo instante,  
olhou para o colo da mulher,  
e depois com desejo e gula  
buscou o olhar da enfermeira.

E ali mesmo, no desesperado

instante de mulher sozinha,  
aconchegada ao amado filho,  
pequeno e faltante de corpo,  
ela vivenciou mais uma vez  
a certeza de um abandono  
e vaticinou um certo amanhã  
para a bela enfermeira  
com o pai do menino.

E em meio ainda ao doer do parto,  
mais medos e dores, a certeza  
de que seu homem partiria.

O pai do menino se foi...  
E nunca soube se o seu  
rejeitado infante  
havia sobrevivido,  
ou não.

## Coisa de pertença

Quando a mulher boquiaberta  
engoliu a bala que lhe arrebentou  
o último fio de seu desamparo,  
o homem, o seu,  
aliás, título inverso de propriedade,  
pois era ele quem a considerava  
como coisa de pertença,  
pegou a segunda arma  
decependo-lhe o corpo,  
enquanto calmamente dizia:  
“quem come a carne, corta os ossos”.

## Apesar das acontecências do banzo

Apesar das acontecências do banzo  
há de nos restar a crença  
na precisão de viver  
e a sapiente leitura  
das entre-falhas da linha-vida.

Apesar de...  
uma fé há de nos afiançar  
de que, mesmo estando nós  
entre rochas, não haverá pedra  
a nos entupir o caminho.

Das acontecências do banzo  
a pesar sobre nós,  
há de nos aprumar a coragem.  
Murros em ponta de faca (valem)  
afiam os nossos desejos  
neutralizando o corte da lâmina.

Das acontecências do banzo  
brotará em nós o abraço à vida  
e seguiremos nossas rotas  
de sal e mel  
por entre Salmos, Axés e Aleluias.

## Da calma e do silêncio

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

Quando meu olhar  
se perder no nada,  
por favor,  
não me despertem,  
quero reter,  
no adentro da íris,  
a menor sombra,  
do ínfimo movimento.

Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar para quê?

Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo viandante  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra.